LEVANTAMENTO DOS MESTRES E MESTRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ACUPE: TRADIÇÃO ORAL E IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR PARA A EDUCAÇÃO.

Mayara Dias Gonçalves[1]
Ana Rita De Cássia Santos Barbosa[2]

RESUMO

A proposta de pesquisa desenvolvida e aqui descrita tem como questão norteadora: “Como construir intercâmbios entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico relacionados aos repertórios e à performance das tradições orais e da cultura popular? A metodologia de coleta desse acervo se deu por meio da entrevista narrativa, dispositivo de coleta de dados utilizado nas pesquisas (auto) biográficas.. Articulam-se em torno desse trabalho, quatro Instituições de Ensino (IES) públicas: a Universidade Estadual de Feira de Santana, a Universidade Federal do Sul da Bahia, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e a Universidade do Estado da Bahia, a fim de localizar o contador e a contadora de histórias tradicional que reside no interior do estado. O trabalho aqui descrito, ainda em andamento, se deu, especificamente, no contexto da comunidade quilombola de Acupe (Santo Amaro/Ba), na qual foram identificados alguns Mestres e Mestras, sendo realizadas, até o momento, duas entrevistas narrativas. Os resultados obtidos até então apontam para a importância de promover as tradições orais, e “devolver os microfones” a esses professores tradicionais, nossos mestres e mestras, que sustentam a cultura de sua região, carregando a história dos seus antepassados.

Palavras-chave: Comunidade quilombola de Acupe; Mestres e Mestras; Tradição oral.

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos Malês, Discente, mayaradias564611@gmail.com[1]
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos Malês, Docente, anarita.barbosa@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O projeto Cacimba de histórias encontros e intercâmbios com os saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia. tem como objetivo principal construir uma ligação entre a teoria e a prática, criando então a partir daí uma junção dos saberes tradições das comunidades , com os saberes acadêmicos, valorizando as tradições orais e suas culturas locais. No campo de pesquisa, esse projeto de pesquisa é na verdade uma reflexão a respeito da importância das tradições orais e de seus mestres para a história e hábitos de um povo. O Cacimba busca resguardar esses saberes através de seus registros, evitando o apagamento que a grande maioria das comunidades quilombolas têm enfrentado durante muitos anos, entendendo então o quão valoroso são essas narrativas orais, e seus mestres, e compreendendo que quando um mestre morre sem que sua história seja contada ou passada pra próxima geração, ele leva consigo não só a história de uma geração passada, mas também de uma geração futura, que sofrerá consequências de não conhecer sua própria história. Então os pesquisadores entenderam a importância da coleta dessas histórias e o quanto é necessário fazer essa comparação com os estudos acadêmicos.

O projeto conta com o trabalho e a pesquisa de quatro instituições de ensino , que são localizadas estrategicamente em locais favoráveis para ter acesso a esses mestres e coletas dessas narrativas, são elas Universidade Estadual de feira de Santana , Universidade Federal do Sul da Bahia , Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira e a Universidade da Bahia. Todas abraçaram essa ideia e estão trabalhando de forma relutante em busca de informações, no intuito não somente de levar a Universidade até as comunidades, mas também de levar os mestres e mestras da Comunidade até as Universidades, fazendo ali uma troca de saberes, e enriquecendo ainda mais nossos conhecimentos, enaltecendo a valorização das diversidades culturais, além de promover as tradições orais. Espera-se que os estudantes pesquisadores atinjam o objetivo do projeto, não só de levar conhecimento mas crescer em conhecimento e expandir seus repertório, podendo então criar possibilidades de ensinos envolvendo toda experiência adquirida ao longo da pesquisa, ampliando seus horizontes e voltando eles totalmente pra sua própria comunidade, conhecendo de fato suas limitações e vantagens, para aí então poder contribuir nessa transmissão de saberes.

METODOLOGIA

A proposta metodológica envolveu, de modo sintético, as seguintes etapas: 1) Pesquisa e atualização do estudo bibliográfico das principais obras de autores que discutem a formação do contador de histórias e a valorização das narrativas orais, conforme já descrito no projeto de pesquisa. 2) Constituição de percursos de pesquisas a partir do próprio contexto de vivência pessoal 2.1 Conclusão do levantamento de mestres e mestras da tradição existentes em sua própria comunidade, região de pertencimento e/ou de vivência anterior ou atual. 3) Entrevista narrativa: 3.1 Realização das entrevistas narrativas, gravadas em vídeo, após a identificação e autorização dos mestres e mestras da tradição que serão os participantes da pesquisa. 3.2 Produção de vídeos curtos com testemunhos dos mestres e mestras das tradições orais sobre seus percursos formativos e repertórios. 3.3 Realizar a transcrição e apoiar a catalogação dos contos coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da pesquisa pude ter o prazer de me aproximar da minha comunidade, participei de reuniões com os moradores e mestres de Acupe e, a partir desses encontros formamos um grupo de estudo que é

ISSN: 2447-6161

formado por alunos e moradores da própria comunidade, esse grupo surgiu a partir de um curso que aconteceu em Acupe sobre a Lei Paulo Gustavo 10.639/2003 a partir das manifestações culturais Acupense, durante o período do curso sentimos a necessidade de dar continuidade aos estudos e debates sobre nossa comunidade, não somente buscar informações sobre elas, mas também passar esse conhecimento adquirido para a nova geração, então pensamos em atividades que pudessem dar início a essa expansão de conhecimento, no intuito de colocar o curso em prática, nos programamos e nos juntamos com os líderes da casa do nego-fugido para fazer um cronograma de atividades para o mês de julho, onde iria ocorrer atividades que não iria apenas chamar atenção e informar as pessoas de longe, mas também aproximar a nossa comunidade. Nossa inquietação principal era como ter e passar essa educação quilombola de forma que os estudantes tivessem de fato acesso aos mestres e atividades práticas que representassem as práticas do nosso Quilombo, como por exemplo, contação de histórias orais sobre a cultura e as histórias de Acupe de forma geral, conhecimento sobre as ervas, sobre pescadores, agricultores e etc. Entendendo que essa educação precisa nascer a partir da prática, então logo essa educação não seria apenas teórica, mas principalmente prática, e a partir disso entendemos que precisávamos ouvir os mestres, é como se estivéssemos aprendendo a andar e a falar novamente, muitas vezes somente a formação acadêmica nos tira das nossas raízes, porque entendemos que mais importante do que o lugar que a gente veio é onde queremos chegar, aí abrimos mão de toda prática e hábitos que acreditamos não ter utilidade. Porém, fazendo parte do Cacimba tive que reaprender a olhar para trás, para os mais velhos e principalmente para história que cada um carregava, somos como recipientes cheio de essência que só se conhece ao abrir, e só se descobre isso quando você está diante de um mestre e ele começa a falar, aí entendemos. As atividades foram executadas durante o mês de julho nos finais de semanas, toda semana tinha uma Oficina diferente com a intermediação de um mestre, foi feito também um intercâmbio entre algumas comunidades quilombolas, o que foi de extrema importância para todos, para entender e saber como é trabalhado as práticas em outros quilombos, e algumas que podemos manter na própria comunidade. Em nosso grupo de estudo criamos um tema voltado para cultura e educação nos territórios quilombolas, aconteceu no dia 13 de julho às 14h com o tema “A pedra fundamental do manifesto da educação escolar quilombolas”, onde convidamos os gestores das escolas de Acupe e de outras comunidade quilombolas; enquanto as outras oficinas seriam atividades, a nossa seria uma roda de conversa. Tivemos representantes da educação do quilombo de são Brás, engenho da ponte, quilombo Kaonge, Santiago do iguape, são Francisco do Conde do Paraguaçu, monte Recôncavo, do Dom João, conversamos sobre a história de cada lugar e como seria levada os saberes nessas comunidades para os estudantes, nesse processo aprendemos a importância da contação de história e o quanto é necessário atendê-la a partir dos seus participantes e como e quando surgiu, entendendo que muitas vezes quem a conta fala mais que a própria história em si. Nas outras oficinas tivemos confecções de 6 máscaras tradicionais, confecção de tambores, moqueca sambada com o preparo do azeite de dendê, canjeré casa dos bonecos com vara, Oficina de estética afro, Roda de capoeira. Em um dos seus documentários (”trajetórias”), Nêgo Bispo fala de uma das suas experiências com um mestre, tio Norberto da sua comunidade, que foi algo que me marcou bastante. Ele pergunta: - Você sabe ler uma carta e escrever cartas? Sei - Sabe fazer as quatro operações de conta no papel? Sei - Sabe ler a bula de remédio? Sei - Sabe fazer uma porta? Não - Sabe fazer uma mesa? Não Sabe fazer um jogo de Mourão para botar uma porteira na roça? Não - Então saia dessa escola, meu filho venha aprender a fazer as coisas, Você sabe ler e escrever, agora venha que vou te ensinar a fazer as Coisas, uma porta, uma mesa uma cadeira, eu vou lhe ensinar as coisas que Você precisa pra vida, mas só que tudo que eu lhe ensinei você precisa ensinar para quem precisar, aí então no dia que você continuar ensinando o quê eu te ensinei mesmo que eu esteja enterrado estou vivo. Esses são os saberes que passam de geração em geração, quando a gente entender isso, não vamos mais participar dessa estratégia de

ISSN: 2447-6161

apagamento do povo Negro, porque vamos ter uma base forte, que passa e sustenta o que aprendeu, por isso a importância de aprender com os mais velhos, não deixar essas tradições “cair no esquecimento”.

CONCLUSÕES

O projeto de pesquisa Cacimba tem sido uma vivência de suma importância, enquanto pesquisadora e moradora da própria comunidade, tem sido um grande desafio pessoal, sair de uma “zona de conforto “ para atravessar as barreiras e limitações construída pelo meu próprio medo, medo de não conseguir entregar um bom trabalho, ou alcançar o resultado esperado. Enquanto moradora e já atuando no projeto, em muitas das minhas observações e pesquisa em campo pude observar que esse medo não era unicamente meu, e até ele revelava na verdade as marcas de uma comunidade que precisava e continua tendo que provar, resistir e reafirmar sua identidade, sua história e valores, alguns que, como eu, estão assumindo seu posto agora, e outras que já estão inserida nessa luta há anos e falam com precisão sobre a necessidade de mudar de nível e desconstruir a mentalidade que nos mantêm escravos, por isso a necessidade de uma educação melhor que tenha a lei 11.645/08 como base, principalmente por se tratar de uma comunidade quilombola, investir nessa educação é fundamental, entender quem somos, quem foram nossos antepassados, conhecer nossa história, certamente isso faria a grande maioria dos alunos terem mais confiança em si. Em muitas dessas atividades tive o prazer de dialogar novamente com pessoas que poderiam ser nomeadas como “biblioteca viva” das tradições orais da comunidade, foram meses aprendendo a ouvir atentamente as histórias desses moradores, que por sua vez passariam o dia relatando, digo novamente porque essas história orais sempre foram presente em Acupe, mas com o avanço da tecnologia e a correria do dia-a-dia, os jovens principalmente, não se atentam a riqueza desses conhecimentos práticos que existe em nosso meio, e o projeto Cacimba vem resgatar e valorizar essas histórias e tradições orais, e mostrar a importância das palavras que são ditas por esses mestres. Minha preocupação maior era, como encontrar esses mestres? E em alguns meses estudando descobrir, que eles continuam no mesmo lugar, eles estão na porta contando histórias, eles estão no porto arrumando suas redes, estão em casa preparando marisco, ou estão no mato recolhendo ervas, estão lá no mesmo lugar que seu Domingos Fiaz relata no seu livro “Acupe minha terra” “Durante as noites claras era tempo para correr picula, sentar na porta, contar histórias de assombração, ver são Jorge com seu cavalo na lua, buscar água de bebê no morcego ou na pedra, uma verdadeira diversão”. (DOMINGOS, 2012, p. 56) 12 Seu Domingos traz em seu livro o cotidiano do Acupense, as gírias e os costumes, e só foi preciso olhar mais atentamente para perceber que não mudou muita coisa, eles continuam em seus locais de costume, foi preciso sair do meu mundo de tecnologia para perceber que talvez eu nem precisasse sair de casa pra encontrar esses mestres. Em uma das minhas participações nas reuniões que acontecem na comunidade, no intuito de entender e conhecer mais mestres, por ser uma reunião que todos da Comunidade participa, pude entender que nossa comunidade ainda vive uma luta constante com a justiça em busca de uma melhoria de vida para os moradores da comunidade, fiquei surpresa com o tanto de conhecimento explanado naquele lugar, e uma das falas de um membro me fez repensar e desconstruir a forma de entender o Quilombo, ele disse “ Não precisamos de nenhum documento, ou de ninguém para declarar que somos quilombolas, nós precisamos afirmar isso, ser quilombola está em tudo que fazemos.” As ideias levantadas nessa reunião por coincidência pareciam com o objetivo principal do projeto Cacimba, “trazer os mestres e mestras da própria comunidade para ensinar e passar as histórias para essa nova geração”, que por sua vez, é cheia de conhecimento, mas não se permite vivenciar a teoria na prática, precisamos entender que o saber é importante e passar esses saberes é o que faz com que as tradições permaneçam vivas em nosso meio. Nego bispo em um dos seus documentários fala algo muito interessante, “É preciso sair da teoria e voltar para a

ISSN: 2447-6161

trajetória, minha trajetória precisa sustentar o meu discurso se não o meu discurso não tem sentido.” Então mais importante do que me informar sobre algo, é vivenciar, entender através da bagagem da experiência o que é ser, ou o que é fazer, é mudar a mentalidade e começar do zero, se questionando, de onde veios os meus hábitos? Minhas tradições? Como minha avó sabe, mesmo sem ter estudado medicina, que determinado chá serve para tratar algumas dores específicas? De onde veio essa informação? 13 Como meu avô, mesmo não sendo alfabetizado, sabia tocar notas e entoar perfeitamente poesia? É compreender que esses mestres e mestras tiveram uma formação que ultrapassa as universidades, o nome dessa formação se chama vida. Segundo os descritos do livro “ O narrador – Walter Benjamim” (1994), fica claro para nós quanto leitores que, o narrador aparentemente é um sujeito distante e que a medida que o tempo passa a distância tem aumentado devido ao nível intelectual dos indivíduos que compõem a sociedade, que por sua vez tem ficado a cada vez mais inferior ao esperado. No entanto, “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 197-221) Benjamin fala sobre o declínio das narrativas populares, que por sua vez, tem perdido seu espaço para o romance, para as informações e avanço das tecnologias por isso a necessidade de resgatar essas tradições orais novamente, trazer esses mestres para as ruas e Universidade, convidá-los para nos contar e nos ensinar toda riqueza novamente, mais uma vez voltar aos métodos de ensino antigo, fazer com que os jovens deixem as telas e voltem para os campos, para aprender a escutar novamente os mais velhos, que por sua vez tem muito a nos ensinar. Nego bispo já dizia “Quando o rio encontra outro rio, ele não deixa de ser rio, ele se torna um rio maior.” Assim é o conhecimento que se passa de geração para geração. Tendo em vista os aspectos observados, o projeto Cacimba foi de suma importância para minha formação, não somente como pesquisadora, mas também como moradora da própria comunidade, possibilitou o contato com diferentes realidades, tive também acesso a pessoas que agregaram muito no meu desenvolvimento profissional e pessoal, fiz apresentações e participei de atividades que certamente não participaria se não tivesse na pesquisa, pude ampliar o meu repertório de práticas até mesmo para minha formação em pedagogia, utilizando as teorias e práticas adquiridas ao decorrer do processo da pesquisa. 14 O projeto Cacimba mudou a forma como eu via a comunidade e algumas tradições, construiu em mim uma formação mais crítica e Reflexivo, capaz de identificar e se comportar de acordo com as diferentes realidades culturais e sociais que estamos inseridos, me fez entender a importância das narrativas e tradições orais, e o papel fundamental dos mestres para sua comunidade. Portanto quero aqui ressaltar que o projeto tem sido de grande importância, não só pra mim, mas para a valorização de cada mestre e mestra, e das histórias que estão sendo registradas, entendendo que é uma forma de eternizar esses saberes através dos registros coletados.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à FAPESB pelo financiamento da bolsa e à UNILAB pela oportunidade de realização da iniciação científica.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história Da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BISPO, Nêgo. Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola. 2023. Disponível em: https://youtu.be/gLo9ZNdgJxw?si=ZHrNASO2Dz3pnIuL. Acesso Em: 10/02/2024.

ISSN: 2447-6161

BISPO, Nêgo. Nêgo Bispo: Trajetórias. 2024. Disponível em: https://youtu.be/Tqt9BnrolFg?si=0lPK7vG6Hwh6kU06. Acesso em: 10/02/2024.
FIAZ, Domingos. Acupe Minha Terra – 2ª edição – Santo Amaro da Purificação – Bahia, 2012.

ISSN: 2447-6161